

Chimamanda Ngozi Adichie sobre seu novo livro, a América de Trump e o "assassinato em massa" em Gaza

Redi Tlhabi: Em sua escrita, a premiada autora Chimamanda Ngozi Adichie tem defendido há muito tempo questões de raça, gênero e a experiência imigrante nos Estados Unidos. Em seu novo livro, *Dream Count*, seu primeiro romance em mais de uma década, ela aborda essas conversas novamente através das histórias de quatro mulheres lutando pela autodescoberta em Washington, D.C., Nigéria e Guiné.

Então, como o clima político atual moldou sua escrita? E o que a repressão do presidente dos EUA, Donald Trump, à liberdade de expressão significa para o futuro da educação e do aprendizado? Ela se junta a mim agora para discutir isso. É um grande prazer, Chimamanda, tê-la no UpFront. Bem-vinda.

Chimamanda Ngozi Adichie: Obrigada.

O Bloqueio Criativo e o Retorno à Escrita

Redi: Você já ouviu isso antes, seu primeiro romance em 12 anos. Ouvi dizer que você é bastante supersticiosa sobre uma palavra em particular. Não vou usá-la. Vou apenas usar impasse criativo. O que significa romper o impasse criativo e colocar isso no mundo?

Chimamanda: Oh, não posso te dizer. Honestamente, Redi, me sinto tão grata, realmente e feliz. Não estou tão feliz há muito tempo. Quando eu não conseguia escrever, quando tive aquele bloqueio criativo, é um lugar terrível para se estar quando escrever é tão importante para você como é para mim. E então eu sentia que estava separada de mim mesma. Escrever sempre foi a coisa que me dá significado, alegria. E então, quando eu sentava no meu laptop e tentava escrever e simplesmente não estava acontecendo...

Redi: Era horrível. Então não é como se você não estivesse tentando.

Chimamanda: Eu estava tentando todos os dias. Estou sempre pensando em ficção. Todos os dias da minha vida, estou pensando em ficção. Estou pensando sobre não estar escrevendo ou estou pensando sobre o que quero escrever. Estou pensando sobre o que não fiz bem ou o que quero fazer melhor. Estou sempre pensando sobre escrever.

Temas e Evolução na Escrita

Redi: Bem, alguém poderia dizer graças a Deus por essa pausa, porque cada uma dessas mulheres poderia ser um livro por si só e é tão rico e tão em camadas. Mas vamos falar sobre sua escrita. Havia certos temas que surgiram, raça, gênero, classe, até mesmo toda a ideia do sonho americano. A maneira como você os apresenta aqui, de que forma este livro está em conversa com seus outros escritos? E como você encontra novidade? Como você infunde novidade enquanto escreve sobre temas semelhantes?

Chimamanda: Acho que este livro é bem diferente dos meus outros livros. Acho que é porque sou uma pessoa diferente. Então, acho que este é o primeiro livro que escrevi como

uma pessoa que não tem pais. O primeiro livro que escrevi como mãe. E acho que ambos realmente me mudaram de maneiras muito profundas. E particularmente, acho, perder meus pais. Acho que escrevo de forma diferente. Então meus temas podem ser, na verdade, lembro de ler em algum lugar que escritores escrevem a mesma coisa repetidamente.

Não acho que isso seja verdade. Mas também, você sabe, não posso deixar de pensar, sou uma mulher negra. Escrevo principalmente sobre pessoas negras. E é interessante para mim que me digam que escrevo sobre raça. Quero dizer, acho que com Americanah, me propus a escrever sobre raça, mas com este, não. Mas suponho que quando você escreve sobre pessoas negras, invariavelmente seu livro vai de alguma forma ser dito ser sobre raça. Não tenho certeza de que, quero dizer, há alguma raça, mas não é uma preocupação neste romance.

O Luto e a Transformação Pessoal

Redi: Acho que aparece nos relacionamentos quando um dos personagens está em um país diferente e as pessoas estão olhando porque ela não pertence. Ou um dos irmãos faz supostamente um comentário racista. Então aparece dessas maneiras sutis. Quero falar sobre como então você mudou. Você é uma pessoa diferente, você passou pelo luto. Entendo que você perdeu seu pai, sua mãe e duas tias. Isso é muita tristeza e apenas o luto como algo que molda seu trabalho.

Chimamanda: Comecei a escrever este livro depois que minha mãe morreu. Meu pai morreu de repente e então, apenas alguns meses depois, no aniversário do meu pai, minha mãe morreu. E este é o tipo de história que se alguém escrevesse em um romance, eu diria que é inacreditável. Não é muito bom. Você sabe, eu diria que a metáfora é exagerada. Você sabe, eu diria, mas essa é nossa história. E realmente acredito que minha mãe me ajudou a começar a escrever novamente porque comecei a escrever quando ela morreu.

E não me propus a escrever um livro triste. Então este é um livro que foi escrito de um lugar de luto intenso. Ainda não fiz as pazes com a perda da minha mãe. Mas não é um livro sobre luto. Você sabe, acho que de algumas maneiras, é o espírito da minha mãe de alguma forma, me dizendo para continuar, você sabe, continue. É assim que penso nisso. E uma das coisas mais adoráveis que alguém me disse sobre este livro é como ele tem muita melancolia e muito humor, e como é raro ter ambos em um livro. E acho que talvez seja por causa da origem, por causa de sua história de origem do romance.

Mulheres com Agência e Autodeterminação

Redi: Devo ser honesta, tive um debate com alguém que estava falando sobre como é uma história de perda. Claro que é. As mulheres lutam, enquanto encontram, para se localizar emocionalmente nos relacionamentos, seus relacionamentos com seus pais, com seus corpos, com dinheiro, com as expectativas da sociedade de que deveriam se casar em um determinado momento, ter filhos em um determinado momento. Mas também é um livro bastante atrevido. Elas são mulheres felizes, elas são autoconfiantes, elas têm agência e as perdas nos relacionamentos. Para mim, o que realmente se destacou foi como elas terminaram relacionamentos em seus próprios termos.

Chimamanda: Obrigada, obrigada.

Redi: Apenas largaram. Sim, nessas ocasiões há Zikora que fica com um bebê, mas quando você acompanha seus relacionamentos, elas terminam quando elas terminam. E mesmo em um momento de trauma, elas obtêm um senso de clareza e é quando elas agem. Esse é o tipo de mulher que te atrai?

Chimamanda: Sim. Acho que também é o tipo de histórias que quero ouvir mais. Não somos apenas sobre nossas perdas e nossas tristezas. E acho particularmente para mulheres negras, você sabe, essa ideia de que de alguma forma a vida de uma mulher como mulher negra é uma de apenas, você sabe, catástrofe sem fim. Acho que as mulheres neste romance são reais, são humanas, e têm dignidade, e ousam sonhar, certo? Elas ousam querer. E então não é de forma alguma para mim sobre perda. Quero dizer, você sabe, coisas acontecem na vida. Passamos por relacionamentos que são terríveis, todas essas coisas. E mesmo Zikora, que não deveria dar muito, acho que mesmo a maneira como ela chega a uma espécie de autorrealização e a maneira como seu relacionamento com sua mãe se torna mais forte, não acho que seja sobre... Sim, é atrevido.

O Poder da Ficção

Redi: Quero falar sobre seu amor pela ficção porque você é bastante específica, particularmente quando responde perguntas sobre escrever, escrever um romance, escrever ficção. A dor é um grande tema neste romance em particular. De que maneiras você acha que a ficção nos permite ir muito mais fundo nas histórias do que talvez a não-ficção?

Quero dizer, há uma personagem aqui, Kediatsu, e sua história é inspirada por uma questão global que conhecemos, estupro e a guerra contra os corpos das mulheres perpetrada por um homem poderoso. Isso é suficiente, não vou entregar mais sobre isso. Mas como a história ganha vida através do meio da ficção versus reportagem sobre o assunto. Qual é o poder da ficção?

Chimamanda: A ficção vai para dentro. Acho que o jornalismo nos diz o que aconteceu. A ficção nos diz como foi sentido. E há poder em saber como algo se sente. Muitas vezes acho que como seres humanos somos movidos a agir de um lugar de emoção mais do que intelecto. Você sabe, quando você é movido por algo, quando se sente conectado a algo. Então sempre senti que a ficção é verdadeira em um sentido mais verdadeiro do que a não-ficção porque com a ficção para mim como escritora eu me sinto livre.

Não sinto, não sinto a necessidade de me conter. Não acho que tenho que me proteger da maneira que faço quando estou escrevendo não-ficção porque sei que estou escrevendo sobre mim mesma. Não sinto a necessidade de proteger outras pessoas porque a ficção é este, você sabe, é quase um espaço mágico onde você cria pessoas, você brinca de Deus, o que é sempre bom.

Mas acho que há, e acho que é por isso que os romances sempre tiveram tanto poder. Você sabe, lembramos de Jane Austen e lembramos de Dickens e lembramos de Balzac, mas

realmente não lembramos de nenhum jornalismo daquele período. Você sabe, as histórias duram.

A Dignidade Devolvida

Redi: Então você dedica este livro à sua mãe, que você perdeu, como ouvimos, mas no final, na nota do autor, você fala sobre a mulher com quem ela teria se identificado mais. Kediatsu. Por que ela?

Chimamanda: Não tenho certeza se estava projetando porque de algumas maneiras Kediatsu é a personagem que é mais preciosa para mim. Ela é obviamente a personagem que não é da Nigéria, ela é da Guiné. Ela também é a personagem que não é privilegiada por classe como as outras personagens e, claro, ela é baseada, bem, inspirada por uma pessoa real. Acho que sinto algo protetor sobre essa personagem e acho que minha mãe a teria entendido, talvez não se identificado com ela mais, mas a entendido e também acho que a visto novamente dessa maneira quando você vê as pessoas como humanas e merecedoras de dignidade. Você sabe, acho que minha mãe a teria visto.

Redi: Na verdade, o que quero compartilhar, e novamente, estamos tentando muito não entregar a mágica. Você diz que chama seu ato de escrever sobre Kediatsu, inspirado por uma pessoa da vida real. Você chama isso de seu ato de humanizá-la ficcionalmente, um gesto de dignidade devolvida. Eu amo tanto isso porque fala de uma mulher que talvez não foi vista, não teve voz e você está, este é um gesto de dignidade devolvida.

Chimamanda: Vivemos em um mundo onde as mulheres ainda são muitas vezes não vistas de muitas maneiras. Mas neste caso particular, uma mulher acusou um homem poderoso de agressão sexual e seu caso foi arquivado. E por que seu caso foi arquivado? Porque ela mentiu sobre algo inteiramente diferente do ataque. Então, em outras palavras, estamos dizendo às mulheres, se você acusar um homem de agressão sexual e esperar obter qualquer forma de justiça, então é melhor você ser perfeita. Ninguém é perfeito. Então estamos realmente dizendo que há algo muito desumanizante nisso, eu acho.

E é tão importante, acho, para mim insistir que vejamos as mulheres em sua plenitude. Então, esperançosamente, alguém lê este livro e na próxima vez que ler uma nova história sobre uma mulher que está em uma posição semelhante, que se lembre de que ela é humana, ela tem uma vida, ela tem sonhos, ela pensa, ela é merecedora de dignidade, ela é uma pessoa.

A América de Trump e a Poesia Perdida

Redi: Voltando a algo que você disse antes, que honestamente, apenas pensando sobre o que está acontecendo neste país, parece que a América não é mais a América. Isso foi há apenas algumas semanas quando você disse isso. No entanto, em 2016, você também disse que a eleição de Donald Trump achatou a poesia na filosofia fundadora da América.

Voltando à personagem de Kediatsu, você estava bastante esperançosa de que na América um homem poderoso poderia ser levado algemado para a cadeia, para um tribunal, poderia

ser preso. Havia muito otimismo, mas então parece que o país mostrou sua outra face onde as acusações foram retiradas. Como você se sente sobre a América neste momento?

Chimamanda: Oh Senhor. Rimos porque não queremos chorar? Sim, sim. E é uma risada que vem de um lugar que não é engraçado. O que penso agora? Sim, eu disse durante o primeiro mandato deste presidente que a poesia que eu havia associado à América havia se tornado plana. Agora, não há nenhuma. Acho que diria que foi jogada pela janela. Não existe mais.

E quando digo que a América não parece mais a América, não é dizer que não sei que a América sempre teve muitos problemas, certo? Mas é dizer que ainda havia algo sobre ela que era aspiracional e acho admirável. E acho que talvez fosse o estado de direito. Sempre senti que este era um país onde, você sabe, as pessoas geralmente seguiriam o estado de direito, especialmente pessoas em posições de poder e liderança. Isso não está mais acontecendo.

E é, acho que há um senso de descrença, mas também de, quero dizer, ele disse que faria a maior parte do que está fazendo. Então há também um senso de, bem, foi isso que as pessoas votaram, certo? Foi isso que as pessoas votaram.

Lições da África para a América

Redi: Estamos em Washington, D.C., mulheres negras da África. Há uma maneira pela qual a América de hoje está subvertendo o estereótipo da África como um lugar de política fracassada. Não que alguém esteja celebrando que está acontecendo aqui. Mas você vem da Nigéria, eu venho da África do Sul. Observando o que está acontecendo aqui nos Estados Unidos, me pergunto se temos algo, a África tem algo a ensinar à América, primeiro sobre eleições livres e justas, mas também sobre o custo mental, emocional, psicológico de ter que reconstruir o que você está quebrando e trazendo sua experiência nigeriana para o espaço. Quais são seus pensamentos sobre essa reconstrução, o que será necessário para reconstruir um país?

Chimamanda: Bem, acho que são lugares tão diferentes. Quero dizer, nós, e você tem que lembrar que somos países jovens na África, países realmente jovens. E somos países que não começaram com nenhum tipo de fundação democrática. A América se orgulha de ser este farol de liberdade. Fugimos de uma monarquia, resistimos à tirania de um rei.

A Nigéria, na verdade, se é que alguma coisa, e a África do Sul e realmente todos os países da África começaram com ditaduras porque o colonialismo era uma ditadura. E então acho que considerando o quão longe chegamos, nos saímos bem. Acho que esta é uma maneira muito sutil e vou colocá-la muito cruamente, que é dizer que os países da África têm uma razão, a América não tem. E então vai ser muito diferente pensar sobre essa reconstrução.

E também, você sabe, é uma espécie de imprudência desnecessária em destruir o que está acontecendo agora. Você sabe, você demite pessoas, não há pensamento nisso. Então você volta atrás e então você deliberadamente traz pessoas incompetentes. É, você sabe, é como essa espécie de confederação alegre de danças. Mas no caso de muitos países africanos,

muitas vezes não acho que... Quero dizer, há incompetência, mas é quase... Não é incompetência intencional.

De certa forma, é que as pessoas no poder, eu acho, não sabem nada melhor, certo? Temos pessoas muito brilhantes em toda a África, mas elas não chegam às posições de governo. As pessoas que chegam não têm razão de estar lá. Acho que todos sabemos disso. Mas no final, eles trazem as pessoas que conhecem que são apenas uma espécie de bando de incompetentes.

Mas o que está acontecendo neste país, e a razão pela qual acho que é tão impressionante, é que parece muito desnecessário. Parece uma criança pequena quebrando coisas pelo prazer de quebrar coisas. E as vidas das pessoas estão em jogo. E acho que é isso, para mim, o que é muito preocupante. Quero dizer, li algo onde alguém disse que a crueldade é o ponto. Isso é simplesmente...

Resistência Intelectual e Liberdade de Expressão

Redi: Sim. Este é agora um país que está reduzindo o financiamento para pesquisa, que está banindo livros, que está revogando os vistos de estudantes que estão se levantando e falando contra a guerra de Israel em Gaza. Na verdade, Rumeisa Öztürk, uma estudante de pós-graduação na Universidade Tufts, teve seu visto de estudante revogado. A lista continua. Ela foi sequestrada. Quero dizer...

Chimamanda: Para mim, isso foi um sequestro.

Redi: Foi um sequestro. Sim. E ela não é a única. Então agora, não como observadora, mas como alguém cujo trabalho é sobre falar, é sobre ensinar, é sobre nos inquietar. Como você se sente desse ponto de vista?

Chimamanda: Sinto que não podemos desistir. Acho que as pessoas que acreditam que a caneta importa têm que continuar acreditando nisso. Acho que uma das coisas que acontece com um governo autoritário é que é a psicologia que é a coisa mais importante, quando eles de alguma forma conseguiram convencê-lo a obedecer antecipadamente. Então você vê as coisas que estão acontecendo e então pensa, bem, é melhor eu não dizer nada porque talvez homens armados que estão mascarados venham me levar. E não podemos, acho que não podemos nos dar ao luxo de pensar dessa maneira.

E há maneiras de continuar a falar. Acho que é tão importante não ceder ao desespero. Acho que é tão importante lembrar das coisas que importam. Então, às vezes para mim, significa dizer a mim mesma que há loucura acontecendo, mas ainda acredito na justiça. Ainda acredito na liberdade de expressão. Ainda acredito na liberdade da imaginação. Ainda acredito no estado de direito. E vou continuar a acreditar nisso. E vou continuar a dizer o que penso. Quero dizer...

Redi: Acho que é importante falar. Temos que falar porque essa obediência tem um resultado particular, certo? Quando são universidades que cedem ao poder político na censura, sim, é perturbador.

Chimamanda: E elas estão cedendo um pouco frequentemente demais e um pouco rápido demais na minha opinião. Acho que há pessoas que poderiam se dar ao luxo de resistir um pouco mais e não estão. E você sabe, é isso que as ditaduras fazem. E não sei, acho que estou meio desapontada. Acho que apenas pensei, talvez seja de todos os filmes de Hollywood, você sabe, onde os mocinhos ganham. Eu realmente pensei que as pessoas seriam mais resistentes, menos dispostas a obedecer antecipadamente. Já há muito disso.

Gaza: O Assassinato em Massa

Redi: Vamos falar sobre a Palestina, porque acho que central para tudo o que estamos vendo aqui é a questão da Palestina. Você a menciona no livro. É uma conversa entre Chia e seu namorado, Luke, e ela quer obter um visto para ir a Ramallah e ele a está desencorajando dizendo que é muito triste. Avançando para agora, isso se torna o eufemismo do ano com toda a morte e destruição que está sendo constantemente transmitida. Você escreveu sobre guerra antes, você escreveu sobre genocídios e a destruição da vida como a conhecemos através desta guerra. Quais são seus pensamentos aqui? Como isso está impactando você como escritora, como pensadora e como humana?

Chimamanda: Como humana, tenho que dizer, e de certa forma, em algum momento eu poderia, quero dizer, eu acordava e ia ler e ver o que estava acontecendo. Em algum momento se tornou quase insuportável para mim. Senti que não podia suportar ver mais uma foto de uma criança em Gaza. E nem posso acreditar que estou ficando emocionada. E li sobre escritores que morreram.

Li, conheço pessoas que conhecem pessoas que morreram. E estou apenas, é assassinato em massa. Acho que não posso acreditar que estamos vivendo em um mundo e há governos que supostamente acreditam na dignidade humana e ninguém está fazendo nada sobre o assassinato em massa acontecendo em Gaza, porque é isso que está acontecendo.

Acho que a ideia de punição coletiva é desumanizante. Você não pode responsabilizar todo um grupo de pessoas pelas ações de certos membros de sua comunidade. E penso muito sobre isso, e acho que no final, é que algumas pessoas decidiram olhar para os palestinos como de alguma forma não totalmente humanos.

Porque se você pensa nos palestinos como totalmente humanos, você não pode encontrar desculpas para esse tipo de assassinato em massa que está acontecendo. Você não pode justificá-lo de forma alguma. Você sabe, se acreditamos que um ser humano é um ser humano, todos os seres humanos são igualmente dignos. É meio que assim que penso. E como contadora de histórias, acho importante para nós ler sobre vidas palestinas, vidas comuns.

Você sabe, há escritores palestinos maravilhosos que sempre admirei. Na verdade, em minha palestra, O Perigo de uma História Única, citei um escritor palestino, Mourid Barghouti, que diz que se você começar uma história com "em segundo lugar", você nunca terá a história completa. Então, se você começar a história no meio, nunca terá a história completa. Você tem que começar a história no início, certo? Se você começar a história com as flechas dos nativos americanos, não é aí que a história começa.

A história começa quando as pessoas vieram para sua terra. E acho que é uma citação tão interessante e muito relevante para hoje, que temos que começar a história no início, certo? E acho que também é de certa forma semelhante ao que está acontecendo na América hoje, que temos que continuar a lembrar que não é normal. Acho que também é importante e digo isso a mim mesma porque quando parei de olhar as notícias sobre Gaza me senti um pouco culpada, mas eu apenas olhava as notícias e chorava e então, você sabe, afundava em depressão e então eu pensava não, não posso lidar.

E acho que especialmente como mãe, olhar essas fotos, ler essas histórias, é horrível, é horrível. Você sabe, e não sei como as pessoas que têm o poder de parar isso não estão fazendo nada. É para mim, sim, desculpe, não há superlativos.

Redi: Não há palavras. Sim, sim.

Ortodoxia Ideológica: Esquerda e Direita

Redi: Quero explorar outra coisa. Ortodoxia ideológica. Você escreveu sobre isso, falou sobre isso. E você estava falando sobre como a esquerda às vezes sufoca a discussão matizada nas mídias sociais e na academia. Na verdade, você escreveu um ensaio em 2021 onde você disse que “isso era obscuro”. Isto é baseado na sua própria experiência e interações com certos públicos e ex-alunos. Você aborda isso nesse livro por meio de um personagem que deixa a Nigéria e vai para uma universidade americana.

Mas aqui está a coisa. Estou me perguntando se isso é apenas a reserva da esquerda. Quando você olha para o que estamos falando com a direita também cancelando pessoas, revogando vistos, banindo livros. Então é um abismo ideológico entre esquerda e direita ou a cultura do cancelamento se torna uma ferramenta que pessoas poderosas usam para sufocar a dissidência. Quais são seus pensamentos sobre isso?

Chimamanda: Isso é realmente muito interessante. E não acho, eu nunca faria o caso de que esse tipo de sufocamento de ideias é a reserva exclusiva da esquerda. Não é, de forma alguma. Eu me importo com a esquerda porque é minha tribo, certo? E eu me importo. Então é por isso que acho que de certa forma, quando você ama algo, você zomba dele e quer que seja melhor. A direita, quero dizer, é loucura. Nem posso começar a entender do que se trata.

Então acho que há o sufocamento da fala e ideias em ambos os lados. Nem gosto de equipará-los porque acho que são realmente diferentes. Acho que na direita é hoje muito mais perigoso se você corre o risco de ser sequestrado pelo estado americano pelo crime de ter uma opinião. Sim, é assustador. E você olha para trás na história. Me vi voltando a ler sobre a Alemanha nos anos 1930 porque quero ver o que a história pode me dizer sobre hoje e possivelmente sobre amanhã, porque uma das coisas sobre este tempo presente é que não acho que realmente sabemos o que vai acontecer nos próximos cinco meses. Você sabe, há e então, então sim, há, você sabe, a esquerda e eu acho que há muitas oportunidades para humor com o tipo de ortodoxia que a esquerda gosta de impor.

E não quero ser superficial sobre isso porque tem consequências reais para as pessoas. Você sabe, pessoas perderam seus empregos. Pessoas foram, quero dizer, eu saberia porque também fui uma pessoa que foi acusada de todos os tipos de coisas por causa da ortodoxia e da linguagem da esquerda. Mas não acho de forma alguma que esteja perto do horror que está acontecendo agora.

A Insinceridade e a Falta de Compaixão

Redi: Quero voltar a como você estava criticando os seus. E estou me perguntando se o fardo decorre da insinceridade? Em outras palavras, se a direita é tão aberta sobre as coisas que quer cancelar e as coisas que quer silenciar, o pensamento progressista reivindica certas coisas. Reivindica certos valores. Os pilares do que acreditamos como pessoas que se identificam como pensamento progressista ou mesmo liberal é que há certas reivindicações e esses valores devem ser sacrossantos para essa identidade. Então é a insinceridade disso que é discordante?

Chimamanda: Sim, para mim, é isso, é também a presunção moral. É também, sim, é insinceridade que nem sabe se chamar de insinceridade, certo? E então pode ser muito justiceiro, muito hipócrita. E acho isso insuportável. Acho que no cerne desse tipo de sufocamento da fala na esquerda está uma falta de compaixão e uma falta de sofisticação.

Mas acho que as pessoas que praticam isso ficariam horrorizadas ao ouvir isso porque realmente pensam que são muito sofisticadas em seu pensamento. Elas não são. É um pensamento muito simplista. E elas realmente pensam que estão cheias de compaixão. É interessante para mim que as pessoas que dizem "seja gentil" são muitas vezes as pessoas mais espetacularmente cruéis. E isso acontece muito na esquerda. E às vezes me parece que há muito mais interesse em performar bondade, você sabe, e até mesmo a abordagem às minorias pode ser muito condescendente enquanto é "envolvida em amor".

Você sabe, às vezes você sente que "não é realmente", se você não seguir a regra como membro de uma certa minoria, você não tem permissão para ser. De certa forma, é como uma história que li uma vez onde um personagem branco diz a um personagem negro, depois de tudo o que fizemos por você, você sabe, você não está pensando como queremos que você pense. Então é insinceridade, mas não é, não acho que é insinceridade que se propõe a ser insinceridade, se isso faz sentido. Acho que muitas dessas pessoas realmente pensam que estão cheias de bondade e que são pensadores muito profundos.

Redi: E apenas a ausência do benefício da dúvida. Mas me pergunto, você ainda se vê como parte da tribo ou se desvinculou após suas próprias experiências e ao dar à luz esses pensamentos?

Chimamanda: Acho que se nós, acho que você sabe, vivemos em uma sociedade de certa forma onde você meio que tem que escolher um lado. Então acho que em situações em que eu teria que escolher um lado, claro que escolheria a esquerda. Você sabe, se alguém tivesse que votar, por exemplo, ou se alguém tivesse que fazer algo que de alguma forma apoiaria o financiamento de instituições, eu apoiaria completamente a esquerda. Mas sou muito profundamente crítica de muito do que está acontecendo na esquerda. E também

acho que a razão pela qual esta administração existe é parcialmente o apelo do presidente Trump, sim, mas também em grande parte o fracasso da esquerda. Eu realmente acredito nisso. Não precisamos estar aqui.

Literatura como Resistência e Refúgio

Redi: Você expressou preocupação com o futuro da literatura e do pensamento criativo nos EUA, já que as pessoas se conformam à ideologia de várias maneiras, mas você tocou nessa ideia e quero expandir sobre ela enquanto concluimos. Você descreveu a ficção como nossa última fronteira. Que papel você vê para a arte e a literatura como ferramenta de resistência política e para lidar com tudo isso?

Chimamanda: Lidar, sim. Acho que deveríamos ler mais. Você sabe, entendo que as mídias sociais têm seus usos, sim. Acho que seria adorável se as pessoas tirassem talvez duas ou três horas de seu tempo de mídia social e as gastassem lendo. E por ler, quero dizer, você sabe, jornais são importantes, mas quero dizer literatura, lendo romances, até poemas, até um poema por dia. Realmente faz diferença. E também ajuda, acho, às vezes procurar ficção que fale sobre o que está nas notícias.

Então procurar um romance sobre Gaza, por exemplo, ou não necessariamente Gaza, mas o povo palestino ou a história palestina ou até mesmo a história israelense, porque é importante entender o que está acontecendo e às vezes a ficção pode iluminar coisas para você onde você, você sabe, muitas vezes quando leio um livro de história, quero ler um romance sobre essa história porque abre coisas de uma maneira que a história não faz. Então essa é, acho, uma das maneiras de lidar. Abra um livro.

Redi: Bem, parabéns por Dream Count e acho que até o título é tão travesso. Parabéns.

Chimamanda: Obrigada, muito obrigada.

Redi: Pessoal, esse é o nosso programa UpFront. Voltaremos na próxima semana. Obrigado por assistir. Tchau tchau.